

Mercantilismo

Estado e Economia: relações estreitas entre Nobreza e Burguesia

No século XV, uma série de mudanças começa a acontecer na economia e na política, na Europa. Essas mudanças acontecem na forma de poder político exercido sobre um território, na maneira de proceder a produção e nos modos de uso da terra. Essas mudanças aparecem como teorias e ações que gravitam em torno de uma série de elementos político-econômicos, alguns dos quais listados nesse parágrafo. A essa série de mudanças nas relações entre Estado e Economia, compete-nos dar o nome de “Mercantilismo”. Tomando o Estado, não como o atual Estado-Nação moderno, mas sim como qualquer corpo político que centraliza o poder sobre um território. Então: poder central + território + conjunto de regras = Estado.

O Mercantilismo traz, como suas principais características: a intervenção do Estado na economia, como forma de mantê-la estável, equilibrando a balança comercial, ou seja, controlando o fluxo do que é exportado e do que é importado; e o desenvolvimento de um mercado interno, de uma economia que consiga ter uma boa distribuição dentro de um dado território, estando equilibrada e desenvolvendo a sociedade de dado lugar. O período de início do Mercantilismo é marcante devido a uma série de características que entram em cena, nesse exato momento da história: como a de mensurar as riquezas dos países; primar pela balança comercial favorável (exportar mais do que importar); praticar a defesa do mercado interno, com taxas e barreiras alfandegárias, desestímulo ao consumo de produtos importados e incentivo ao desenvolvimento de um mercado nacional forte; e estimular o crescimento demográfico para gerar mão-de-obra mais barata.

Pode-se dizer que o Estado era o corpo político da economia e a economia era a mantenedora do Estado, era uma relação entre Nobreza (rei e governantes) e Burguesia (comerciantes e praticantes de outras atividades econômicas). O rei defendia os comerciantes com seus exércitos, garantindo paz e prosperidade ao Estado, por sua vez, a Burguesia gerava impostos com suas vendas, o que mantinha a Nobreza, que vivia dos impostos. Era uma relação de “mutualismo” (chama-se, assim, na biologia, aquela relação onde ambos os seres se beneficiam um do outro). Assim, os Nobres se tornavam poderosos e os Burgueses ficavam cada vez mais ricos. O ápice do poder da nobreza foi o Estado Absolutista, momento em que o rei tinha amplos poderes, tanto que chegava a cometer abusos incríveis. Fato que irritará a Burguesia, que se levantará em revoltas contra a Nobreza, derrubando-a: eis a Revolução Francesa! O que, pouco a pouco, se

perceberá é que, com os Burgueses ricos e poderosos, a Nobreza não mais será necessária. Frente a esse fortalecimento, os Burgueses irão se revoltar contra a Nobreza, eliminando-a.

Nesse período, começa a se substituir a idéia de descanso como algo bom para se valorizar as horas de trabalho para gerar riquezas, percebe-se que todo tempo que era gasto gerando dinheiro era algo bem visto e bastante incentivado pelo Estado (seria o princípio da ideia que deu origem à famosa frase "*time's money*"?). A vida tranquila e espiritualizada, com momentos de orações e cultos, foi vista como algo não bom, assim sendo, a lógica capitalista começa a crescer cada vez mais na Europa. É importante perceber essa mudança de racionalidade, momento em que o tempo é contado pelo dinheiro que gerou, pois, até hoje vivemos esse tipo de relação temporal, uma vez que estamos sempre correndo e nunca temos tempo para nada, temos dinheiro a ganhar.

Outro ponto interessante a ser notado é a participação do Estado na economia, o Estado empreendedor, que se beneficia da atividade econômica relacionando-se com aqueles que detém o dinheiro ou o geram em suas atividades (existe alguma semelhança com a atualidade?). A influência dos donos de empresas, atualmente, é gigantesca: estaria, nessa época, nascendo o que temos hoje, ou seja, o conceito de que ter dinheiro é ter poder? A Burguesia conseguia poder porque tinha dinheiro, a Nobreza conseguia dinheiro porque tinha poder. Mais tarde, com a queda da Nobreza, se verificará que foi nessa época que cresceu a ideia que temos hoje muito enraizada: "o poder vem do dinheiro".

Expansão Marítima: o comércio europeu "ganha" o Mundo.

A relação entre Nobreza e Burguesia foi o que possibilitou à Europa as viagens pelo mundo através do mar, pois, financiou todo um aparato técnico necessário para que fosse dada tal empreitada. O custo foi altíssimo, porém, a vontade de encontrar novos locais para explorar e novos mercados para vender foi maior ainda. Essa vontade motivou a atividade que, mais tarde, atingiu as expectativas, inclusive, superando-as, pois os ganhos com as viagens e com as explorações foram grandiosos. Todo o Estado se organizou em torno dessa atividade, a Burguesia com o dinheiro, o Estado com o poder e toda sociedade com a força de trabalho. Os pioneiros na atividade foram Portugal e Espanha, entre as maiores façanhas estão a de descobrir um novo caminho para a Índia e o descobrimento da América.

A navegação possibilitou aumentar o contato com o Oriente, pois, antes dessas

navegações, apenas os mercadores de Gênova e Veneza praticavam esse comércio, devido ao acesso ao Mar Mediterrâneo. Com a descoberta de novos caminhos às Índias, a chegada de novos produtos vindos de lá fez com que, em pouco tempo, o consumo de produtos orientais invadisse a Europa e enriquecesse os comerciantes.

O conhecimento foi enriquecido por causa das viagens, elas permitiram o desenvolvimento do conhecimento do Mundo e a catalogação de novas terras, plantas e animais. Além disso, colaborou para o aperfeiçoamento de uma série de ciências ligadas às viagens: a Cartografia, ciência que representa o mundo através de mapas; a Astronomia, para utilizar os astros como guias; a navegação e o desenvolvimento de embarcações; e aparelhos para navegação, como a bússola.

Outra grande mudança, ou melhor, uma das consequências mais consideráveis dessa empreitada foi a mudança do eixo econômico: enquanto antes se localizava na região do Mar Mediterrâneo, privilegiando Gênova e Veneza; depois passou-se a privilegiar o Oceano Atlântico, enriquecendo países como Portugal, Holanda, Espanha, França e Inglaterra. Esses países movimentarão mudanças no mundo todo: seja explorando outros lugares, devastando e exterminando culturas; seja desenvolvendo o mercado interno e enriquecendo. Percebamos que a Revolução Industrial é o indício de um salto na produção, financiado pela exploração das colônias. A expansão marítima é um dos grandes possibilitadores do Capitalismo, e coloca o comando desse Capitalismo nas mãos da Europa Ocidental, voltada para o Atlântico.

Vale ressaltar que a queda de Constantinopla, em 1453, é o marco do início da Idade Moderna e o fim da Idade Média. Quando o Império Romano no Oriente cai e os turcos tomam a região, a Europa fica ainda mais fechada ao Oriente. A solução é a saída pelo Atlântico, já que os árabes também empurram os europeus para a porção oeste de seu território. Essa Era que inicia será marcada pelo Mercantilismo e o florescimento do Capitalismo. Cabe observar, também, que não apenas os produtos do Oriente enriqueceriam a Europa Ocidental, mas, também, com a descoberta da América, novos produtos e recursos passarão a recheiar, ainda mais, os cofres desses países.